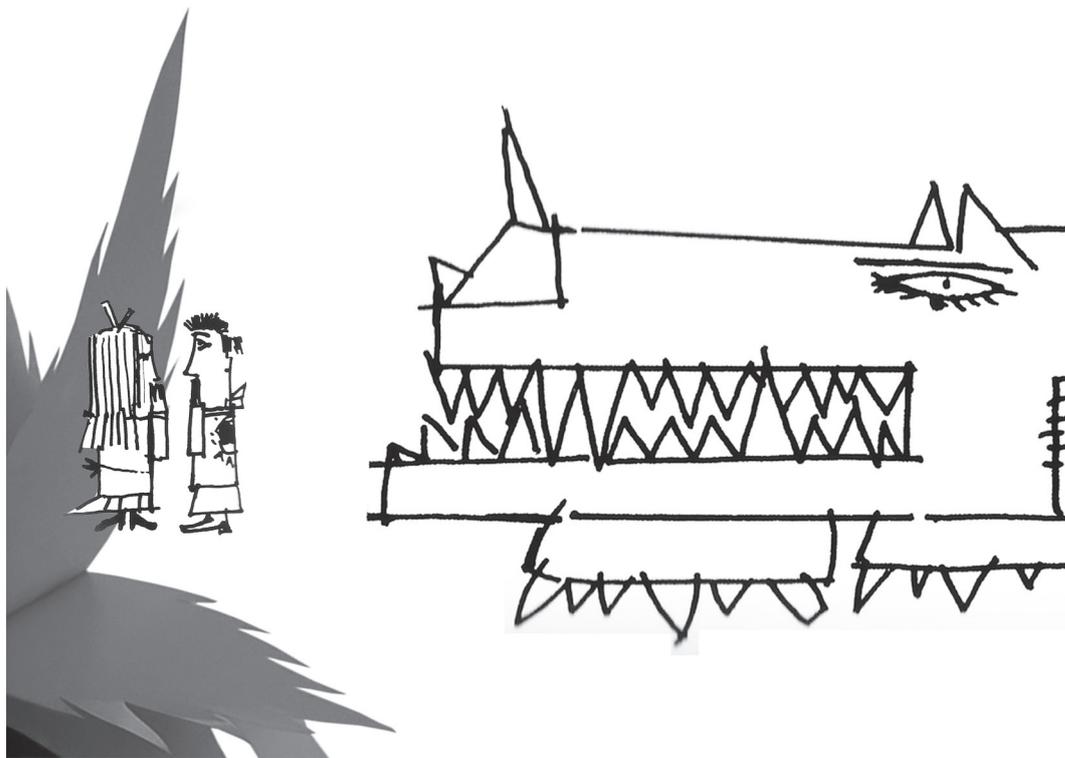


4. SOBRE O HIBRIDISMO



Híbrido, adj (lat. hybrida, bastardo). Diz-se das palavras tiradas de duas línguas, [...] . Diz-se dos animais e das plantas, obtidos por hibridação, isto é, provenientes de duas espécies diferentes, [...]. S. m. Animal ou vegetal híbrido: os híbridos não são em geral fecundos.

(Dicionário Prático Ilustrado. Lello & Irmão, Porto, Portugal, 1956. pg. 638)

Podemos dizer que vivemos cercados de produtos híbridos, em um mundo onde a TV nos possibilita, além de sua função original, navegar na internet, ouvir música e acessar o computador, celulares nos servem de agenda, calculadora, GPS, acesso a internet, câmera fotográfica, espaço de jogos, rádio (BRAIDA, 2012, p.25) e mais uma infinidade de coisas. Nos deparamos, a todo momento, com objetos mesclados, objetos que se tornam, de acordo com Braida (2012, p.24), “[...] polivalentes, [...] dinâmicos e [...] versáteis”. Vivemos um momento de encantamento pelo híbrido.

Segundo Madeira (2010, p.1), ao tentarmos “nomear alguns objetos, praticas e processos da nossa contemporaneidade, apenas a palavra híbrido parece servir para dar algum referente a experiência. O híbrido invade os nossos quotidianos.” A autora

analisa a globalização da sociedade contemporânea através do “hibridismo estrutural”, onde o híbrido se dá como um “[...] processo de diversificação através das mistura [...]” e não “[...] enquanto processo de homogeneização”. (MADEIRA, 2010, p.4)

Esse fenômeno é possível pelo desenvolvimento de novas tecnologias, por uma maior liberdade de expressão e experimentação e é claro, pela necessidade de se conquistar novos mercados.

Uma parte significativa da literatura infantil contemporânea tem se caracterizado pela sua materialização em diferentes suportes e pela utilização de diferentes linguagens. Tal fenômeno, como sugerimos no capítulo anterior, pode ter sua origem na apropriação e uso, pelos designers de livro/ ilustradores/ artistas plásticos e editores do contexto atual, de várias formas de linguagem que lhes permitem ampliar as narrativas pensando na construção de sentido para além do já tradicional binômio fala/escrita. Nessa direção, o livro se apropria das possibilidades de expressão originadas de uma mistura *sui generis* de linguagens e é convertido em objeto dotado de força plástica. Na contemporaneidade, destacam-se produções que se valem das mais diversas formas de expressão de “hibridismo entre linguagens”, o livro-objeto se apresenta como um exemplo de tal confluência.

A palavra *Hybris*, provem do grego, refere-se a mistura de coisas de ordens diferentes, resultando no excesso. O termo “híbrido” também aparece ligado a termos como “mestiço” e, “heterogêneo” (MADEIRA, 2010, p. 2). Na Grécia antiga, a Deusa *Hybris* personificava o exagero, a insolência, a desmedida. A mitologia nos apresenta uma série de seres híbridos, Centauro (mistura do homem com o cavalo), Hipocampo (mistura do peixe com o cavalo), Sátiros (mistura de homem com o bode), o híbrido deixa claro sua conotação monstruosa, aberrante e anormal. Excesso, exagero, o que há a mais, o que excede gerando um terceiro elemento, algo anômalo, inclassificável e impuro. De acordo com Moura (2005, p. 139),

o hibridismo vem no sentido contrário da organização, da limpeza visual e da formalidade funcionalista e culmina, rompendo com este axioma, mas abrindo amplamente as possibilidades de criação, de experimentação e de exploração de uma nova linguagem.

Segundo Santaella (2010, p.82),

no sentido dicionarizado, “hibridismo” ou “hibridez” designa uma palavra que é formada com elementos tomados de línguas diversas. “Hibridação” refere-se à produção de plantas ou animais híbridos. “Hibridização”, proveniente do campo da física e da química, significa a combinação linear de dois orbitais atômicos correspondentes a diferentes elétrons de um átomo para a formação de um novo orbital. O adjetivo “híbrido”, por sua vez, significa miscigenação, aquilo que é originário de duas espécies diferentes. Na gramática, esse adjetivo refere-se a um vocábulo que é composto de elementos provindos de línguas diversas.



Figura 23: Híbrido na Mitologia

(1) Hipocampo, híbrido de cavalo e peixe na mitologia grega. Disponível em: <http://rpgmitologiagregoromana.weebly.com/bestiaacuterio.html>. Acessado em: 15 de nov. 2015

(2) Quimera, híbrido de leão, cabra e serpente na mitologia grega. Disponível em: <http://wings-of-fairy.blogspot.com.br/2014/11/mitologia-quimera.html>. Acessado em: 15 de nov. 2015

(3) Harpia, híbrido de aves de rapina e mulher na mitologia grega. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/398076054535978838/>. Acessado em: 15 de nov. 2015

Segundo McLuhan (1979, p.67), os meios são agentes produtores de conhecimentos e a combinação ou hibridização destes agentes “(...) oferece uma oportunidade especialmente favorável para a observação de seus componentes e propriedades estruturais”:

O híbrido, ou encontro de dois meios, constitui um momento de verdade e revelação, do qual nasce a forma nova. Isto porque o paralelo de dois meios nos mantém nas fronteiras entre formas que nos despertam da narcose narcísica. O momento de encontro de dois meios é um momento de liberdade e libertação do entorpecimento e do transe que eles impõem aos nossos sentidos (MCLUHAN: 1979, 75).

A hibridização ocorre em vários níveis e instâncias. A associação de duas ou mais mídias, além de ampliar as descobertas e possibilidades criativas, permitem desenvolver uma nova forma de criação, uma nova expressão; ou seja, o hibridismo caracteriza-se pela conexão simultânea de diversas linguagens. “Suas mensagens são compostas na mistura de códigos e processos sígnicos com estatutos semióticos diferenciais” (SANTAELLA, 1996, p.43).

Não temos escolha, por mais que se opte por não consumir ou fazer parte desse *puzzle* de conteúdo mutável. Concordamos com Madeira (2010, p.1), ao afirmar que

[...] o híbrido não deixa de enquadrar a nossa experiência através de um hibridismo estrutural latente [...], queiramos ou não absorver o hibridismo, “[...] isto é independente da mobilidade e acessibilidade efetiva de cada um.

4.1 O HIBRIDISMO NO DESIGN

Segundo Santaella (2016, p. 5), o aparecimento do verbo, *to design*, se deu no século XVI, tendo como raiz o termo do latim *designare*, “[...] que significa marcar (assinalar, demarcar, delimitar, destacar, desenhar), conceber (planejar, elaborar) escolher, apontar”. A autora esclarece que a palavra deriva de: “*de* (para fora) + *signare*, que vem de *signum* (signo, marca)”. A autora ainda aponta que a formação da palavra *designare* “[...] compõe-se da sentença signo (*signare*), por sua vez antecedida por *de* (para fora)”, concluindo então que, “[...] que design é, antes de tudo, linguagem, quer dizer, linguagem externalizada, posta para fora”.

Sobre o termo linguagem, Braida (2012, p.45) esclarece que não é muito fácil de ser estabelecido em função de “[...] múltiplas aplicações e acepções encontradas em diversos textos de inúmeros autores, circunscritos nos mais variados campos do saber científico”. Em sua leitura atenta de Fiorin, Braida ressalta que, “a linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios” (FIORIN, 2009, p.8 apud BRAIDA, 2012, p.45). Ainda de acordo com o autor (2012, p. 46), pode-se considerar duas noções de linguagem: uma mais estreita, que é “[...] sinônimo de ‘língua’”, e outra visão mais alargada que considera a linguagem “[...] como um fenômeno semiótico lato, a qual engloba as línguas (linguagens verbais), mas é manifestação de algo mais geral, abarcando, inclusive, os signos não verbais”.

Para dar conta dessa pluralidade, no sentido de compreender a linguagem em toda a sua amplitude, Santaella (1996, p.312) subentende que “tudo é linguagem”, considerando que:

se levarmos o termo linguagem tão longe quanto possível, não é difícil chegarmos à conclusão de que tudo é linguagem. A mais esquemática definição de linguagem seria a de qualquer coisa que é capaz de tornar presente um ausente para alguém, produzindo nesse alguém um efeito interpretativo. Nesse sentido, até mesmo os processos perceptivos, frutos do olhar, do escutar, do apalpar, do cheirar e do degustar, aparentemente tão imediatos, já funcionam, na realidade, como linguagens, visto que tornam presente algo que está diante de nós, mas que não deixam de ser mediatisados pelo equipamento específico de nosso sistema sensorio-motor e dos poderes e limitações de nossos esquemas mentais. Quer dizer, nossas percepções também são resultados de elaborações cognitivas, o que as coloca no paradigma daquilo que estou chamando de linguagem num sentido lato.

Partindo da premissa adotada por Braida e Nojima (2014), de que o Design é linguagem, presumimos que seus produtos são portadores de mensagens, signos de comunicação dotados de significado e função (BRAIDA, 2012, p.111). Neste sentido, Nojima esclarece que (2008a, p.84),

no design, os processos de significação estão envolvidos em uma relação mediadora com a construção da linguagem dos produtos projetados. O sucesso da ação do designer está diretamente vinculado à materialização de suas ideias em produtos, que, pelas possibilidades de uso, geram significação. Essa manifestação semiótica confere à construção dos significados e, conseqüentemente, à apreensão dos efeitos que esses possam produzir, a comunicabilidade exigida e desejada.

A natureza interdisciplinar do campo do design é o que permite identificar zonas de contato entre diferentes áreas de conhecimento e diferentes objetos artísticos e culturais. A travessia por esses espaços híbridos permite que o Design venha a intervir e a comunicar no sistema social, transformando informação em comunicação. No interior deste sistema, através da linguagem, as pessoas, os produtos e os objetos culturais interagem. Moura (2005, p.8) observa que:

o design híbrido, além de relacionar diversas linguagens, procedimentos e mídias, caminha no sentido de atingir todos os sentidos humanos e integrar diferentes campos de saber, rompendo com a distancia e os muros existentes entre estas áreas. Arquitetura, engenharia, moda, música, urbanismo se integram e se somam, rompendo com valores e padrões há muito estabelecidos e constituindo o design híbrido, próprio da contemporaneidade.

Os objetos híbridos são produtos que ganharam grande expressividade na sociedade atual, atravessada por informações, imagens, línguas e linguagens que se fundem, mesclam e adicionam nas diversas possibilidades de experimentações. De acordo com Nojima (2008b, p.9),

enquanto processo, método, técnica e ferramenta de criação, produção, disseminação e comunicação do conhecimento, o design tende a modelar e orientar, retificar e reorientar a paisagem cultural da vida cotidiana.

São muitos os exemplos de objetos híbridos que mesclam os diferentes sentidos, combinações táteis, olfativas, visuais, com outras mesclas de configurações estéticas e funcionais. No caso do objeto híbrido, os papéis e as relações entre forma e essência, ou conteúdo do objeto, não se percebem claramente, “há, efetivamente, cada vez menos tempos e espaços fora do híbrido” (MADEIRA 2010, p.1). Braida (2012, p. 109) pondera que da mesma maneira que o hibridismo está presente “[...] nas culturas, nas comunicações e nas artes, o hibridismo também se manifesta no campo do design [...]. O autor ainda esclarece que

o hibridismo, é, então, utilizado como uma categoria analítica para se compreender, de forma geral, a sociedade contemporânea e, de modo mais específico, as linguagens na contemporaneidade. Sendo o design também um fenômeno de linguagem, logo o hibridismo apresenta-se como uma categoria contemporânea para o seu estudo.

Nosso foco de interesse transita entre o hibridismo presente nas culturas, nas comunicações e nas artes, e foca o hibridismo que se manifesta no campo do design do objeto livro. O Design, tendo a configuração de objetos como área de atuação, opera diretamente nesse processo de idealizações e concretização desses produtos. Bomfim (1997, p.28) considera que, o designer constrói materialidade na “configuração de objetos de uso” ou na “construção de sistemas de comunicação”. De acordo com o autor, a configuração de um objeto

é uma unidade entre forma e conteúdo. O conteúdo é a essência do objeto, isto é, o conjunto de elementos que definem sua natureza e utilidade. A forma é a expressão da essência, constituída por fatores tais como material, forma geométrica, textura, cor, etc. (BOMFIM, 1997, p. 19)

Assim, o objeto-livro vai além de um conjunto de textos, constitui-se como um objeto visual e tátil, que apresenta um conteúdo intrínseco a sua forma. Segundo Moura (2005, p.136), “[...] na mídia impressa, no design gráfico, a característica do hibridismo se apresenta fortemente a partir da utilização dos sistemas informáticos e computacionais”.

Retomando o pensamento de Bomfim (1994, p.37), as características e os usos dos objetos estão diretamente relacionados com os sujeitos/usuários. Segundo o autor, ambos se transformam e, em consequência disso, não é possível pensar em um estado permanente entre sujeito e objeto. Quando nos referimos ao livro, como objeto cultural, este alcança formas e sentidos diversos quando exposto no interior de distintas comunidades de leitores. Em momentos e lugares distintos, o livro adquire uma diversidade de sentidos; ou seja, diferentes comunidades percebem significados distintos na interação com um mesmo livro.

Buscando estruturar um referencial teórico baseado na semiótica, com vistas a compreensão dos tipos de hibridismo presentes nos objetos de design, nos apoiamos na concepção do “híbrido” como uma categoria analítica da contemporaneidade”, tal como foi apresentada e classificada por Braida (2012, p. 155-156):

três dos principais tipos de hibridismos, dentre os quais podem-se inserir todos os tipos de hibridismos existentes no campo do design: (1) hibridismo sintático, (2) hibridismo semântico e (3) hibridismo pragmático. No entanto, esses tipos apresentam subdivisões, as quais dão conta de melhor descrever todas as manifestações híbridas no design contemporâneo. Essas subdivisões referem-se aos aspectos das misturas, aos processos pelos quais originaram um determinado produto híbrido.

Ainda de acordo com o autor (2012, p.156),

um mesmo produto pode pertencer a distintos tipos ou subtipos de hibridismos. Isso se dá por dois motivos: o primeiro motivo se deve ao fato de as divisões dentro da tipologia proposta não serem estanques, ou seja, em muitos casos os tipos apresentam-se imbricados, embora, quase sempre, em um objeto híbrido, há um predomínio do hibridismo sintático, semântico ou pragmático; o segundo motivo se deve à própria lógica triádica

utilizada para a composição da tipologia, a qual preconiza o inter-relacionamento entre forma, significado e função.

De acordo com Braida (2012, p. 156-157), o hibridismo sintático “[...] se manifesta na forma dos produtos”, em sua aparência, e os objetos que comportam esse tipo de hibridismo são multiformes. Essa categoria também pode ser chamada de “[...] hibridismo intersemiótico”. O autor divide o hibridismo sintático em:

- hibridismo dos códigos, este tipo de hibridismo está diretamente ligado “[...] aos sentidos humanos [...]”, se evidencia “[...] a partir da mistura de, pelo menos, dois dos seguintes códigos: visuais, sonoros, olfativos, gustativos e táteis”. Este tipo de hibridismo está diretamente relacionado com o livro-objeto, por apresentar misturas entre os “[...] códigos verbais e os não verbais” (BRAIDA, 2012, p. 157-158). Partindo da hipótese do autor, é possível identificar esse hibridismo nas peças de design gráfico que possuem acabamentos específicos, imbuídos de ativar a atenção do usuário. Vários sentidos podem ser aguçados através da mistura de códigos visuais, táteis, e olfativos (BRAIDA, 2012, p. 159), despertados através da utilização de vernizes com alto brilho ou texturas, assim como vernizes com perfume ou com o reflexo do hot stampin. Este tipo de hibridismo é capaz de estimular vários sentidos a partir de um único suporte material.



Figura 24: *Macacote e Porco Pança*, da Editora Salamandra. Capa e detalhe em verniz de alto brilho. Fonte: da autora

- hibridismo dos canais, que deve ser percebido como um tipo de hibridismo onde ocorrem misturas dos “[...] suportes, ou seja, o dialogo dos meios” (BRAIDA, 2012, p. 162). O autor esclarece que “é através de canais, suportes ou meios que as mensagens, bem como as linguagens, se materializam”. Moura aponta que é na “[...] associação de duas ou mais mídias,

[que] além de ampliar as descobertas e possibilidades criativas, permitem desenvolver uma nova forma de criação, uma nova expressão” (2003, p.190, apud BRAIDA, 2012, p. 164). Como exemplo desse conceito, destacamos o livro *Terra de Cabinha*, da editora Peirópolis, livro direcionado a crianças e jovens, que intercala as mídias digital e impressa, através do recurso do “QR code”, possibilitando a leitura de vídeos e a escuta de áudios, trazendo o leitor para mais perto do relato.



Figura 25: *Terra de Cabinha*, da editora Peirópolis. Fonte: da autora. Disponível em: <http://www.editorapeiropolis.com.br>. Acesso em: 18 de dez. 2016.

- No hibridismo dos materiais, os produtos não apresentam homogeneidade material, e sim uma mixagem de diferentes matérias. Os avanços tecnológicos que possibilitam a hibridização de materiais no mesmo objeto são utilizados em livros para crianças pequenas, por exemplo, onde encontramos a utilização de vários suportes no mesmo objeto livro. Esses livros podem misturar o suporte principal, normalmente um cartão de alta gramatura, com tecidos, plásticos e outros papeis que induzem diferentes experiências táteis, utilizados, algumas vezes, para sugerir texturas que remetem ao corpo de animais ou a objetos. Para demonstrar este tipo de hibridismo, destacamos o livro *O patinho feio*, de Dan Kerleroux, editado pela Companhia das Letrinhas, que traz nas ilustrações, detalhes feitos com materiais de diferentes texturas, com as quais o leitor pode sentir um efeito semelhante ao da plumagem do cisne, do pelo macio do cachorro, da casca dura dos ovos, entre outras sensações.



Figura 26: *O patinho feio*, de Dan Kerleroux, Companhia das Letrinhas. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=40530>>. Acesso em: 20 de nov. 2016

- hibridismo das técnicas ou tecnologias, este tipo de hibridismo se apresenta de diversas maneiras no campo do design. De acordo com Braida (2012, p. 170), o âmbito das imagens apresenta bons exemplos deste tipo de hibridismo. Machado (2008, p.69-70 apud BRAIDA, 2012, p. 170) entende que, na contemporaneidade, foram dissolvidas as fronteiras formais e materiais entre os suportes e as linguagens visuais. Ainda de acordo com a autora, ao abordar a questão do lugar da imagem, ela pondera que hoje já não é possível “[...] determinar a natureza de cada um de seus elementos constitutivos, tamanha é a mistura, a sobreposição, o empilhamento de procedimentos [...]”. No design gráfico contemporâneo, observamos a sobreposição de camadas, em técnicas sobrepostas, produzindo imagens que são resultados de sucessões de imagens, textos, desenhos, vídeos, etc. As ilustrações do livro-objeto *O passeio da centopeia*, de Fernando Rabossi e Ana Oliveira, demonstra a técnica utilizada para criar as ilustrações a partir de colagens digitais, constituídas por imagens, desenhos e texturas, formando camadas e sobreposições.



Figura 27: *O Passeio da centopeia*, de Fernando Rabossi e Ana Oliveira, 2010. As ilustrações utilizam simultaneamente a técnica de colagem digital de imagens, traços em pastel óleo, texturas, desenhos a bico de pena e papeis. Fonte: do autor.

Segundo Braidă (2012, p. 173), “[...] o hibridismo semântico se evidencia concretamente no âmbito do significado dos produtos”, não devendo ser analisados somente “[...] como objetos de uso, mas também como portadores de múltiplos significados”. O autor subdivide o hibridismo semântico em dois tipos:

- hibridismo dos arquétipos, de acordo com Braidă (2012, p. 173), se evidencia em “[...] produtos que se configuram pela mistura dos arquétipos;” ou seja, o padrão ou o “[...] primeiro modelo ou imagem de alguma coisa pode designar as antigas impressões sobre algo”. Sudjic (2010, p.80) esclarece que os objetos projetados pelo designer se fundamentam em arquétipos já existentes. Por isto, “uma vez criado, um arquétipo fica em nossa memória, [como] uma recordação pronta para ser usada novamente, às vezes de formas muito diretas”. Quando os arquétipos se misturam, surge um objeto “[...] cujo significado é híbrido. A mistura, por exemplo, da forma de um arquétipo com a função prática de outro gera um híbrido, um produto cujo sentido é paradoxal” (Braidă, 2012, 174). Aqui, tomamos como exemplo o livro *Isto não é um livro*, da autora Keri Smith, editado pela Editora Intrínseca. O título do livro sugere que sua função prática, proposta pela autora, contraria o arquétipo formal do objeto, que é o de um livro. Embora tenha as características do objeto livro, a proposta da designer é de que o usuário, através da experimentação, determine a função do objeto.

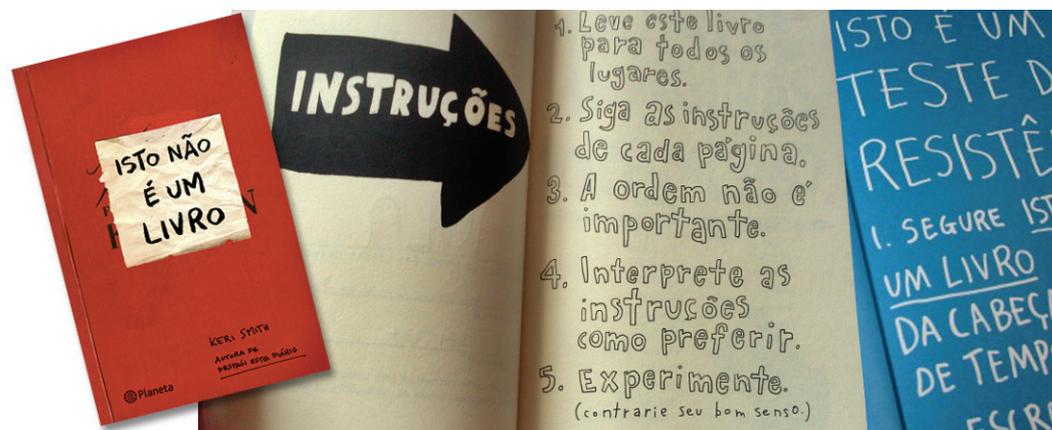


Figura 28: *Isto não é um livro*, de Keri Smith, Editora Intrínseca. Fonte: do autor.

- hibridismo dos contextos, de acordo com Braidă (2012, p. 175), é o que se dá na recontextualização de objetos, gerando um produto novo. São objetos que não se encaixam em uma só categoria, ou “[...] originalmente podem pertencer a um campo, mas aspirar a outro, tais como produtos do design convertidos em produtos de arte, e vice-versa”. Ainda de acordo com o autor, “esse tipo de hibridismo tem muita relação com o reuso, o reaproveitamento de

produtos que se convertem em matéria-prima de outros produtos híbridos”. (BRAIDA, 2012, p.178) O “livro-papel-higiênico” é uma clara demonstração desta categoria trabalhada por Braida (2012). Apresentamos abaixo duas imagens de livros-objeto-papel-higiênico, Na figura 29 (1), temos a imagem do livro *O Chamado*, de Koji Suzuki, autora japonesa de livros e de filmes de terror, Na figura 29 (2), podemos ver o texto clássico *Moby Dick*, de Herman Melville, impresso no mesmo suporte cotidiano, aqui recontextualizado.



Figura29: Livros-objeto-papel-higiênico

(1) *O Chamado*, de Koji Suzuki, impresso em formato de papel higiênico. Disponível em: <http://rockntech.com.br/terror-no-trono-empresa-japonesa-vende-rolos-de-papel-higienico-com-historias-macabras/>. Acesso em 20 de out. 2015

(2) *Moby Dick* impresso em formato de papel higiênico. Disponível em: <http://www.livrosepessoas.com/2012/01/27/livro-moby-dick-em-papel-higienico-e-leiloado-no-ebay/>. Acesso em 20 out. De 2015

O hibridismo pragmático relaciona-se diretamente com as “[...] qualidades de utilidade, funcionalidade e praticidade dos produtos, possibilitando aos usuários diversos modos de integração dos produtos aos seus modos de vida”. Este tipo de hibridismo se apresenta “[...] no cumprimento da função prática dos produtos” e suas “[...] variadas possibilidades de uso” (BRAIDA, 2012, p. 180). O autor identifica quatro tipos de hibridismo pragmático:

- hibridismo dos usos, que se apresenta na reutilização dos objetos ou da mistura dos usos. Pensando na sustentabilidade, os produtos que apresentam este tipo de hibridismo apresentam múltiplos usos, aumentando a vida do produto e reduzindo assim o descarte. Sobre esse aspecto. Cardoso (2005, p.217, apud BRAIDA, 2012, p. 181) avalia:

Se é verdade que as ameaças ambientais mais graves advêm do consumo indiscriminado de matérias-primas e do acúmulo de materiais não degradáveis descartados como lixo, então o aperfeiçoamento de sistemas de reciclagem e de reaproveitamento deve se tornar uma prioridade para o design em nível industrial. Existem diversos bons exemplos de reaproveitamento de produtos duráveis e de embalagens para cumprir funções posteriores ao seu uso inicial, além das já tradicionais tecnologias de reciclagem de matérias-primas como plásticos, metais, vidro e papel.

Esta preocupação pode ser demonstrada claramente nos kits de livros infanto-juvenis, da série *Diário de um Banana*, da editora V&R. Os kits são

compostos por dois ou três livros embalados em um pôster gigante da personagem principal, Greg. Sua função prática “original” de embalar os livros se expande ao ser reutilizada como pôster, objeto decorativo.



Figura 30: Kit *Diário de um Banana*, Editora Vergara & Riba, 2012. Disponível em: http://img.martinsfontespaulista.com.br/imagens/produtos/38/611238/611238_Ampliada.jpg. Acesso em: 10 dez. 2016.

- hibridismo das funções da linguagem; os produtos que não visam a excelência “[...] da qualidade funcional, embora essa qualidade esteja presente”, na classificação de Braida (2012) se inserem nessa categoria de hibridismo. Nela, os produtos não deixam de cumprir o seu papel no uso prático, cotidiano, embora não aspirem “[...] ser outra coisa senão produtos do design” (BRAIDA, 2012, p. 183). Ainda segundo o autor, “na esteira desses objetos estão aqueles concebidos como brinquedos e também os objetos cuja função prática não se revela por completo pela forma” (BRAIDA, 2012, p. 183). Como exemplo, podemos citar o livro-brinquedo *Brincando com o Caracol*, da Editora Salamandra. Este livro, direcionado para bebês, tem o formato em 3D, que remete ao formato de um caracol. Produzido em tecido, o livro é acolchoado, tornando-se maleável como um boneco de pelúcia. Na parte inferior do objeto, em sua base, se encontram páginas do mesmo material com a história.



Figura 31: *Brincando com o Caracol*, da Editora Salamandra. Disponível em: <http://www.saraiva.com.br/brincando-com-o-caracol-livro-brinquedo-3700979.html>. Acesso em: 15 de dez. 2016.

- hibridismo das funções práticas; como já vimos no começo deste capítulo, encontramos, na contemporaneidade, inúmeros objetos multifuncionais. Computadores, *smartphones*, *smart-tvs*, entre outros, carregam uma série de características multifuncionais, onde “[...] se encontram hibridizadas as funções práticas” (BRAIDA, 2012, p.187). O livro-brinquedo *Os músicos de Bremen*, da editora Melbook, traz, em suas páginas, seis quebra-cabeças, além de botões que emitem sons que são complementares à história. Por ser um livro interativo, onde suas funções se mesclam, o hibridismo das funções práticas, segundo a classificação de Braida (2012), se evidencia conforme a imagem abaixo.



Figura 32: *Os músicos de Bremen*, da editora Melbook. Disponível em: <http://www.saraiva.com.br/os-musicos-de-bremen-col-quebra-cabeça-com-som-e-diversão-1975717.html>. Acesso em 20 de dez. 2016.

- hibridismo total, segundo Braida, se evidenciam em produtos multiformes; ou seja, naqueles que “[...] carregam consigo traços da multifuncionalidade” e “[...] podem variar de função, mediante a alteração da forma pelo usuário,

alterando-se, por consequência, os valores semânticos” (BRAIDA, 2012, p. 190). Tomamos como exemplo o livro *Cookbook that you can eat*, da editora Gerstenberg Publishing House. Trata-se de um livro de grande sucesso, feito de massa comestível fresca, que o usuário pode folhear, rechear, assar e comer. Assim, as páginas do livro, feitas de massa, são, ao mesmo tempo, uma receita de preparação de uma lasanha e um dos ingredientes principais para o preparo da mesma. No final do processo, o leitor terá transformado o livro de receitas em uma refeição.



Figura 33: *Cook book that you can eat*, da editora Gerstenberg Publishing House. Disponível em: <http://donasdecasaanonimas.com/um-livro-de-comer/>. Acesso em: 10 nov. de 2015.